

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



O DESEJO DO ANALISTA: UMA OPERAÇÃO DE SEDUÇÃO

Laerte de Paula – laertedepaula@gmail.com

Resumo: Este trabalho recolhe, da leitura do seminário VIII de Lacan, elementos para conjugar as primeiras articulações em torno da noção de desejo do analista junto ao operador da transferência para, a partir daí, considerar em que medida tal proposição seria compatível com a noção de sedução. Na medida em que o desejo do analista solicita que o mesmo ocupe uma determinada posição em relação ao analisante, visando à produção de um conjunto de efeitos analíticos, seria o caso de interrogar se a proposta deste método não cumpre com uma função de sedução, que consistiria em fazer operar no sujeito uma nova posição em relação ao desejo de saber.

Palavras-chave: desejo do analista, sedução, transferência.

São Paulo
2022

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



THE DESIRE OF THE ANALYST: A SEDUCTION OPERATION

Laerte de Paula – laertedepaula@gmail.com

Abstract: This work collects, from the reading of Lacan's seminar VIII, elements to reflect upon the first articulations regarding the idea of the analyst's desire with the transference concept to, furthermore, consider to what extent such a proposition would be compatible with the notion of seduction. Considering that the desire of the analyst requires him to occupy a certain position in relation to the analysand, aiming to produce a set of analytical effects, it would be worth asking whether the proposal of this method doesn't play a seductive role, which would consist of opening up in the analysand a new movement towards the desire to know.

Keywords: desire of the analyst, seduction, transference.

São Paulo
2022

O DESEJO DO ANALISTA: UMA OPERAÇÃO DE SEDUÇÃO

Qual seria a pertinência de articular a ideia de sedução à de transferência e de desejo do analista? A partir de elementos recolhidos da leitura e discussão em torno do Seminário VIII, é o caso de propor aqui um exercício para nos aproximarmos dessa via e avaliar sua dignidade.

Esta aproximação se justifica a partir dos desenvolvimentos de Lacan em torno dos efeitos derivados de Eros e a formalização do tipo de operação que o analista conduz como tratamento. Minha aposta é de que esta leitura pode ser melhor refinada à luz da noção de sedução.

Assim, convém introduzir algumas coordenadas para uma fundamentação deste termo. Em especial, porque existem inúmeros pontos de intersecção com os aspectos centrais de um percurso analítico. Para tornar essa relação mais evidente, comecemos por enquadrar melhor a ideia de sedução e desambiguá-la de uma certa degradação histórica.

Origens

Ainda que o termo tenha sofrido imensos deslizamentos ao longo dos seus vinte e um séculos de história, adquirindo no contemporâneo um estatuto tão caricato quanto sintomático, em seu esteio etimológico, a sedução abriga acepções distintas que interessariam à prática do psicanalista: desvio, separação, transporte, até mesmo divisão. Consta em Ovídio, em Sêneca, em Cícero.

Foi a partir do declínio do Império Romano e da ascensão do cristianismo, com os filósofos moralistas, Santo Agostinho, Tertuliano e Clemente de Alexandria, que a sedução passou a se tornar sinônimo de corrupção e enganação, de ruína moral e econômica em benefício de prazeres ilusórios e passageiros, de instrumento do diabo para afastar os homens do caminho da virtude e da comunhão com Deus. Desde então, jamais perdeu seu contorno pejorativo e parte desta significação perdura até hoje.

Temos então um primeiro contorno: a sedução produz um movimento que retira o sujeito de um lugar e o conduz a outro. Sedutora seria a figura capaz de inspirar ou induzir este movimento¹.

Cabe agora desdobrar em qual terreno esse efeito se dá, e me parece que a psicanálise é um dos campos mais fecundos para trabalhar a leitura que proponho já que, no caso, a separação, o desvio, o transporte, a divisão, haverão de ser pensados como efeitos que se dão *na* linguagem, incidindo na posição que um falante ocupa em um dado discurso.

Vários mitos antigos respaldam esta leitura: tomemos as sereias e a navegação de Ulisses, a troca ocorrida entre Eva e a serpente, ou o encontro entre Sócrates e Alcibíades. São todos acontecimentos produzidos via discurso. Neles, o sujeito seduzido se depara, necessariamente, com um saber em outro lugar, saber que lhe falta, do qual está apartado. Quer dizer: o que é que cada um ficciona sobre *isto* do qual se crê separado? Uma sedução depende dos tons conferidos a esta questão.

No caso das sereias, ainda que tenham ficado mais célebres pelo seu canto que por sua mensagem, este ponto merece destaque. Afinal, nos lembra Ovidio, as sereias eram *doutas*. Sentadas em um prado florido em uma ilha perto da Sicília, ofertaram a Ulisses um saber sobre a guerra e o sofrimento humano, narrado no livro XII da Odisséia:

“Vem cá, Odisseu..., grande glória dos aqueus, ancora tua nau para ouvires nossa voz. Nunca ninguém passou por aqui ... sem antes ouvir a melíflua voz que vem de nossa boca; mas ele se deleita e parte com mais saber. Sabemos tudo que, na extensa Troia, aguentaram argivos e troianos por obra dos deuses” (HOMERO, p. 355). Elas não apenas declaram deter um saber que interessaria a Ulisses, como também asseguram que acesso a ele produzirá deleite.

Já no caso da serpente, esta prometia a Eva o acesso ao saber de Deus caso comesse da maçã proibida: *“Certamente não morrereis; porque Deus sabe que no dia em que comerdes do fruto, abrir-se-ão vossos olhos, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal... Viu... a mulher que a árvore era boa para comer, que era uma delícia para os olhos... desejável para dar entendimento; tomou do fruto e comeu”* (Bíblia, Gênesis). Quer dizer: foi para poder

¹ Algumas línguas guardam em seu bojo esta conexão entre a sedução e o papel daquele que a agencia. No latim: *se-ducere*. Se o verbo *ducere* diz da condução, Mussolini, por exemplo, autoproclamava-se *Il duce*, o líder que conduziria a nação italiana. Na Roma Antiga, os imperadores, cônsules e comandantes das tropas eram chamados de *Dux*. No alemão encontramos a mesma similaridade: enquanto *verführung* corresponde à palavra sedução, *führer* é a palavra que nomeia o líder. Em holandês, *verleiding* e *leider*. Temos ainda o lema que ilustra o brasão paulistano *“Non ducor, duco”* (não sou conduzido, conduzo).

saber aquilo que Deus sabia (e ela não), que Eva transgrediu a interdição colocada em torno do fruto.

Já no caso de Alcibiades, como descrito no *Banquete*, é destacado o efeito produzido pelo discurso socrático, na medida em que, comparado ao flautista Mársias, Sócrates “*dele difere apenas em produzir aquele mesmo efeito, sem instrumentos acompanhando suas palavras*” (2016, p. 88). Está no texto: dar ouvidos a Sócrates pode produzir efeitos *irresistíveis*, pois este força Alcibiades a “*reconhecer tantas coisas que lhe faltam*” (p. 89). Alcibiades chega a usar uma feliz metáfora para apontar a sedução em jogo: o discurso socrático produz “*transportes báquicos*” (p. 169). Eis aí o deslocamento novamente: insinuar um saber que nos falta nos induz ao movimento de supor e tentar (re-)haver este pedaço.

Daí a escansão necessária: é que, para produzir um movimento, é preciso que a sedução produza antes um corte. Ela retira, separa, desvia o falante de um lugar na medida em que outros podem aí se insinuar e se ficcionar como ofertas de um saber-colagem. É daí que o movimento sedutor deriva, enlaçando-se a uma promessa em torno da qual um novo pedaço de saber viria obturar a fratura aberta. A intensidade desta força haverá de ser pensada como detendo relação com o desejo e a identidade, ou melhor, com aquilo que toda identidade tem de impossível.

Valeria ainda retirar a sedução de uma confusão à qual é comumente associada. É que a sedução não é sinônimo de colagem. Esta pode operar como resposta a uma sedução, mas a sedução tem outra conotação. A promessa de colagem é o truque que disfarça o fato de que a finalidade da sedução reside no movimento. A sedução é mais a vacilação, o escorregão, o desarranjo. A colagem só participa da sedução enquanto promessa, parada provisória, já prometida e destinada a se esparramar novamente, dissipando qualquer possibilidade de cristalização. Para o efeito de cola com o qual é normalmente confundida, melhor seria nos servirmos de duas outras palavras, também oriundas do latim: *fascinação* e *sideração*, cada uma com origens e contextos distintos.

A fascinação refere-se ao efeito petrificante de colagem entre um olhar e uma imagem. *Fascinatio* era esse o nome dado à relação que se estabelecia entre o membro masculino ereto – o falo – e o olhar que o surpreendia nesta contratura. O *fascinus* era utilizado como remédio contra a inveja e o mau olhado e em rituais para assegurar boa colheita nos campos. O destaque aí está na relação de encaixe entre um objeto e um olhar, e a decorrente força de atração em jogo.

Já siderar, na acepção moderna, corresponde a deixar sem ação, paralisar, marcando o profundo estupor vivido a partir de uma situação que impede o pensamento e a palavra. Na sua origem, indicava a prática dos sacerdotes para predizer o futuro. *Sidus* é plural de estrela e nomeia a constelação que preside o fim do inverno. No dicionário, *sideratus* diz aquele “*tocado, atingido por um astro*” (1959, p. 623). A partir daí, con-siderar corresponde ao gesto de examinar os astros em busca de referências que orientam a vida dos homens, ler as figuras que os astros compõem.

A partir daí, o vocábulo *desiderium* (traduzido por desejo no português) opera como negação do termo anterior. O desejo é o que nega a sideração, o que des-sidera. Se con-siderar é ver e siderar-se é ficar paralisado pela presença do astro, dessiderar seria deixar de ver, constatar sua ausência. É a partir daí que se torna possível concluir pela noção de desejo como busca (do astro-referente).

O dessiderado, então, é aquele que não está mais orientado por aquilo que governava seu destino (isto é, pela ilusão de responder ao significante do desejo do Outro). Se desejar implica a perda do referente, significa também que a partir desta ausência somos convocados a inventar, preencher, criar o que não está escrito nos céus.

Nesse diálogo com a etimologia, uma distinção decisiva fica evidente: sedução e desejo causam o movimento, enquanto a fascinação e a sideração detêm o movimento. É também a linha que talvez marque com melhor clareza a separação entre a psicanálise e a hipnose. Uma análise necessariamente des-fascina. Ou, como diz Lacan na penúltima aula do seminário em debate: ela ajuda a dissipar os efeitos da sombra (1992, p. 363).

Desambiguada da ideia de colagem, habilitamos a sedução como um acontecimento de deslocamento dentro do terreno da linguagem, estimulada por uma promessa de saber que traria deleite ao falante. Mas qual espécie de saber teria tal apelo de mobilização?

Vocês estarão bem orientados se tiverem associado a esta pergunta os desenvolvimentos da décima lição do seminário: o ágalma. Toda sedução faz reluzir os *agalmatas* – os *i(a)* –, e reanima a promessa de algum saber sobre esse objeto furtivo.

A sedução com Lacan

Quando recorre ao termo sedução, Lacan faz um uso que eu proporia criticar, ou pelo menos retificar quanto à sua riqueza de significação. É claro, podemos conceder a ele o rigor que tentou sustentar quanto ao lugar do analista na cena transferencial. Não digo que Lacan não valorize os efeitos de sedução destacados aqui para uma análise, mas sim que o fez sem servir-se deste nome e seu campo de significação².

Lacan foi suficientemente contundente quanto aos cuidados que o analista precisa considerar para evitar efeitos indesejáveis de colagem que suas intervenções podem acarretar em seu analisante. Sabemos que, a princípio, não é este o efeito principal visado por uma análise. Se a intervenção consistir demais um objeto ou fixar um desejo, detendo o movimento de invenção (e de angústia) em jogo, isto trabalharia contra a potência que se deseja tornar disponível ao campo do desejo.

São vários os pontos de contato possíveis entre a sedução e o Seminário da transferência: assim como a sedução, o termo ao qual Freud recorreu para falar deste fenômeno (no caso: *Übertragung*) também se serve da ideia de transporte, bem como de transmissão e contágio. O analisante é transportado na medida em que é instigado por uma questão sobre o desejo do Outro, desejo esse sob a forma de objeto que, por estrutura, o causa como sujeito.

Mas há uma outra leitura que se aproximaria da analogia com a sedução, e que reside na operação central destacada por Lacan no seminário VIII: o *milagre* pelo qual uma mudança de posição pode se dar. Neste acontecimento chamado amor, um sujeito em posição de amado passaria a ocupar a posição de amante, subvertendo, nada mais, nada menos, que uma economia de gozo.

Podem procurar: em diversos momentos Lacan refere-se à necessidade de um *desvio* para que isso se produza. É preciso que o analisante seja seduzido, isto é, deslocado de um ponto a outro, para que essa mutação venha a ter lugar. Diz em um determinado ponto: não que o acesso ao inconsciente “*seja acessível aos homens de boa vontade – ele não o é. É em condições estritamente limitadas que se pode alcançá-lo, por um desvio, o desvio do Outro*” (1992, p. 184).

² Uma curiosidade: este seminário é o momento onde Lacan mais fez uso da palavra sedução (são 14 ao todo), ainda que a tenha empregado de forma indiscriminada, sem precisar seus sentidos, distintos ao longo do texto. Ora a utiliza como cumplicidade intersubjetiva, ora como enganação, ora como efeito de captura, ora como objetificação do outro.

O que está em questão aqui é justamente um modo de ler a análise como tentativa de agenciar estes efeitos de sedução, e emprestar-lhe uma lógica consequente que considere o campo erótico e sua força de transporte e de invenção consubstanciais. Proponho a leitura de que o desejo do analista é a forma de Lacan fazer da sedução um instrumento operante por meio de um tratamento de si operado pelo clínico.

Ao longo do seminário, Lacan (1992) fornece os fragmentos que nos interessam. Apresento a seguir algumas passagens com as quais ele compõe esse operador chamado de *desejo do analista*:

- 1) O analista é não apenas aquele que traz uma cicatriz de castração em seu Eros (p. 109), como também aquele que deverá ter operado uma mutação em sua economia de desejo (p. 187).
- 2) O analista deve ocupar uma posição tal que permita ao sujeito se engajar com a questão: “*O que ele quer?*” (p. 181).
- 3) O lugar que seria o do seu ser, o analista deve oferecer vago ao desejo do paciente (p. 109). Trata-se do mesmo lugar onde é convocado o significante do desejo do Outro, para que o sujeito testemunhe aí esse significante faltoso por estrutura (p. 264).
- 4) O analista deve estar advertido para sustentar uma triangulação no campo do desejo: o amado, o amante e algo mais, referência ao Outro, com o qual o desejo sustenta o mais íntimo enlaçamento (p. 140).
- 5) O analista não é alguém que traria qualquer elucidação exaustiva de seu próprio inconsciente, mas aquele que fez desse inconsciente uma experiência irreduzível (p. 184).
- 6) O analista deve estar possuído por um desejo mais forte que o desejo de amar ou ser amado por seu paciente (p. 187). Deve visar escamotear a si mesmo na relação com o outro de qualquer suposição de ser desejável (p. 356).
- 7) Para isso, Lacan indica que convém ao analista ter sempre ao alcance um pequeno desejo bem provido³ (p. 358), para não arriscar colocar sua angústia na condução do tratamento, devendo recusá-la ao analisante (p. 354).
- 8) Convém que o analista não compreenda ou que questione sua compreensão sobre o desejo do paciente, já que é somente na medida em que ele não sabe o que o analisante

³ Aqui uma pergunta mereceria ser formulada: Lacan não se arrisca a nenhum exemplo. Se esse desejo bem provido pode ser acumular dinheiro, ser reconhecido por seus pares, fazer churrasco aos finais de semana, ter aulas de violão ou fazer passeios de barco, por exemplo, é algo que caberia especular. Se, como dirá depois, um objeto vale tanto quanto qualquer outro, o que mais poderia ser dito para caracterizar este “desejo bem provido”? O que podemos supor é que não se trata tanto de esperar de um analista que seja um puro ou um santo, como afirmou, mas que consiga pelo menos sustentar uma separação pela qual suas demandas narcísicas possam não entrar no cômputo do manejo da transferência junto a seu analisante.

deseja, que estará em posição de ter em si o objeto do desejo em causa. (p. 195). Vale o grifo: não é o saber que seduz, é mais a distância que sustenta uma promessa de encontro com ele. Até porque, é preciso dizê-lo: no fim das contas, todo saber traz algo de decepcionante. E todo esclarecimento põe fim à sedução.

- 9) O analista deverá operar primordialmente no registro da *Versagung*, a recusa de que fala na lição 22 (p. 314).
- 10) O analista deverá desalojar o analisante do arranjo pelo qual este dá ao analista a posição de ideal do eu (p. 322), e para isso, o analista deve também ausentar-se de todo ideal de analista (p. 371).
- 11) É preciso que o analista esteja advertido – o que pressupõe a realização de um luto – de que não há objeto (do desejo) que tenha maior preço que o outro (p. 381).

A maioria destas indicações parece alinhada à importância do analista não ocupar um lugar fascinante, hipnótico para seu analisante. O lugar vazio que Lacan exorta a que o analista preserve é o ponto que possibilitaria que o movimento desejante possa operar, resistindo à tentação de dar consistência a uma resposta (pela via da compreensão, ou das armadilhas do belo, do bem e dos ideais) que colocaria fim à questão aberta pelo desejo⁴.

Concluir para abrir

Há uma frase inquietante na primeira lição do Seminário: Lacan diz que, a princípio, o analista deverá evitar toda atitude que se preste à sedução. No entanto, logo em seguida faz o justo reconhecimento de que isso pode não depender inteiramente dele. Ou seja: para além de qualquer intencionalidade, um analista deve estar atento e aberto a poder ler o efeito e o alcance que suas palavras e sua presença têm para o analisante (sobre o que Lacan seguirá insistindo até o fim de seu ensino). Não se trata tanto de querer ou não seduzir, mas de não obstruir a produção necessária feita ao redor deste efeito.

De todo modo, esta seria uma questão rica para recolocar no debate em nosso campo: embora, desde Freud, dedique-se um esforço para separar a análise da hipnose, da sugestão e de encontros sexuais entre analistas e analisantes, isso não significa jogar a *sedução* fora com a água do banho. É o caso de dizer que não apenas a sedução é índice de avanço do trabalho,

⁴ Jean Allouch (2010) redigiu um belo livro para desdobrar essa leitura, pela qual chamou o fundamento de uma análise de uma “erotologia de passagem”.

como se trataria de poder melhor debatê-la para que o analista sirva-se dela no jogo analítico. Diria que é este um dos pontos de maior embaraço para os analistas: o de não recuar de operar com a sedução.

Há outra questão: se o analisante é seduzido durante uma análise, isso significa que o analista é seu sedutor? É o analista quem seduz? Para os autores que trabalharam este tema dentro do campo analítico, a resposta é: *não*. O que seduz é a estrutura da linguagem, da qual o analista inevitavelmente haverá de tomar algum partido. O analista é aquele que se empresta a encarnar o suporte de algo que está para além dele: a sedução não depende de seus atributos físicos ou de seu repertório de saber, mas de como ele aceita jogar com os ardis do inconsciente, munido desse instrumento chamado desejo de analista, para deixar um lugar inabitado, o que implica, entre tantos cuidados, em considerar o inantecipável.

Uma última notação por hoje: é que, se tanto Sócrates como o analista se recusam a se identificar com a posição de amável, nem por isso uma análise propõe que um analisante, ao performar o milagre descrito, não possa jogar e circular por ambos os lugares: amante e amado. Para além dos limites do *setting* analítico, ocupar a posição de desejo não implica em recusar-se a ocupar a posição de desejável, de objeto do outro, mas de poder fazer dessa alternância um novo jogo menos cristalizado, menos escandalizado, mais aberto à contingência e à ignorância.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLOUCH, J. *A psicanálise: uma erotologia de passagem*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

BÍBLIA. *Versão online da Bíblia*. Disponível em <<https://www.bibliaonline.com.br/tb/gn/3>>.

ERNOUT, A. et MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine – Histoire des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

HOMERO. *Odisseia*. Trad.: Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LACAN, J. *O seminário VIII – A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

PLATÃO. *O Banquete*. Trad.: José Cavalcante de Souza. São Paulo: Editora 34, 2016.